

LETRAMENTO DIGITAL: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA CIDADÃ

Mozart Aubert Nascimento Coelho¹

Resumo: Inicialmente o conceito de letramento era focado nos textos impressos, mas com o avanço das novas tecnologias de informação foi crescendo a importância do domínio dos textos digitais. Na internet há um volume gigantesco de informações disponíveis, nesse contexto o indivíduo letrado é aquele capaz de se comunicar por meio das tecnologias de informação, além de acessar e selecionar informações que poderão ser úteis em sua vida pessoal ou profissional. De uma forma geral, neste texto reflito sobre a importância do letramento digital para o pleno desenvolvimento da cidadania em uma sociedade de informação, além do papel que pode ser desempenhado pela escola nesse processo.

Palavras-chave: Letramento digital. Cidadania. Sociedade de informação.

DIGITAL LITERACY: NEW PERSPECTIVES FOR THE CITIZEN PRACTICE

Abstrac: Initially the concept of literacy was focused on printed texts, but with the advancement of new information technologies, the importance of mastering digital texts was growing. On the internet there is a huge amount of information available, in this context the literate individual is the one who is able to communicate through information technologies, as well as access and select information that may be useful in

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS II. Endereço eletrônico: aubert83@gmail.com.

his personal or professional life. In general, in this text I reflect on the importance of digital literacy for the full development of citizenship in an information society, in addition to the role that can be played by the school in this process.

Key words: Digital literacy; citizenship; Information Society.

No presente trabalho pretendo refletir sobre o papel do letramento digital na construção da cidadania na sociedade contemporânea, sobretudo entre a parcela mais jovem da população. No atual contexto creio ser de extrema importância nos atentarmos ao letramento digital, isso porque as mídias digitais estão cada vez mais assumindo um papel de proeminência nas relações sociais, inclusive nas esferas do trabalho e da política. Utilizaremos a noção de letramento desenvolvida por Kleiman que entende letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos” (KLEIMAN 1995, p. 19). A noção mais específica de letramento digital que consideramos consiste em um “novo letramento que se utiliza de uma nova tecnologia, um caso paradigmático dos novos letramentos” (BUZATO, 2006, p. 16). O letramento digital surge como uma variante de letramento característica da sociedade de informação, tal como definida por Castells (2016).

Como veremos mais adiante, esse fenômeno exerce forte influência em praticamente todos os segmentos sociais, mas há uma dinâmica que deve ser observada entre as diversas gerações, haja vista que os mais jovens tendem a possuir

maior intimidade com as novas tecnologias de informação, em virtude de já nascerem em uma sociedade informatizada.

As tecnologias digitais são, sem dúvida, recursos muito próximos dos alunos, pois a rapidez de acesso às informações, a forma de acesso randômico, repleto de conexões, com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer, como é o caso da internet, por exemplo, estão muito mais próximos da forma como o aluno pensa e aprende (JORDÃO, 2009, p. 10).

Discutiremos o papel da escola para a promoção do letramento digital, bem como seus principais desafios, tanto no âmbito material como no plano da capacitação dos educadores. Em seguida mostraremos o nexos entre letramento digital e as novas formas de fazer política, típicas da sociedade contemporânea. Desenvolveremos a noção de que a sociedade em rede demanda novas formas de mobilização e interação social.

Veremos que um erro comum é não relacionarmos a noção de letramento digital com a questão da participação política. Minha ideia é de que o desenvolvimento das tecnologias de informação propiciam uma sensível mudança na maneira como a política é feita atualmente. A reflexão sobre esse fenômeno consiste na justificativa principal para este trabalho.

A escola e o letramento digital

São diversas as perspectivas sobre o conceito de letramento. Buscarei associar a abordagem do letramento à noção de práticas sociais. Nessa perspectiva podemos notar

que as práticas sociais estão diretamente ligadas à cultura na qual os indivíduos estão inseridos. As ideologias, relações de poder presentes no tecido social devem ser observadas em todas as análises que têm como foco o letramento. “Práticas de letramento são os caminhos culturais gerais de utilização da linguagem escrita que as pessoas usam em suas vidas. Em linhas gerais, práticas de letramento são o que as pessoas fazem com o letramento” (BARTON; HAMILTON, 2000).

Estamos vivendo o que podemos chamar de “era da informação” ou “era digital”, um momento no qual o conhecimento toma cada vez mais predominância na estrutura social. O mercado de trabalho passou por profundas mudanças nas últimas décadas, assim destaco a necessidade de aprendizado constante de uma forma que não existia em outras épocas. Dessa forma percebemos uma transformação do papel da escola. Em outros tempos a escola era vista como ambiente no qual o indivíduo adquiria boa parte do conhecimento necessário para exercer uma profissão, além de uma gama de outros conteúdos essenciais para sua inserção em sociedade. Com a mudança no sentido de um aprendizado constante os indivíduos passam a buscar outras formas e fontes de aprendizado, entre eles a internet e a TV. Um indivíduo digitalmente letrado é muito mais que alguém que possui domínio da língua em relações fora do ambiente digital, é também aquele que domina as formas básicas de interação com outros indivíduos através de mecanismos de alta tecnologia e é também aquele que lida bem com a interação com máquinas de uma forma geral. Ao mesmo tempo devemos ressaltar que o letramento é um processo subjetivo, se

constituindo a partir da forma como os indivíduos se inserem no meio social.

Convém chamar atenção para o papel da escola nos processos de letramento. Na sociedade contemporânea, sobretudo em virtude do desenvolvimento da internet, há uma variedade cada vez maior de possibilidades de aprendizagem. Isso não significa que a escola deixou necessariamente de ser uma instituição relevante para as práticas de letramento ou aprendizagem. A mudança nos modelos de organização social que encontramos atualmente reforça a necessidade de transformação dessa instituição social, de modo que a mesma não se organize em oposição ao mundo social no qual o jovem está inserido. A escola deve interagir com seus alunos e organizar suas estratégias com base em suas demandas.

Esse posicionamento exige uma maior flexibilidade por parte dos educadores, inclusive utilizando instrumentos e estratégias que outrora sofrem um grande menosprezo por parte destes, — pelo menos no nível dos discursos proferidos — como a TV. Se bem orientadas e planejadas, práticas de letramento podem ser eficientes mesmo produzidas a partir de programas televisivos criados sem fins educativos. Os professores podem utilizar o interesse dos estudantes pelos programas como um facilitador. Nesse sentido, a internet oferece uma riqueza ainda maior de possibilidades. Temos oportunidade de desenvolver atividades voltadas para uma infinidade de temas, ao mesmo tempo em que fortalecemos habilidades com a utilização de equipamentos como tablets, smartphones e computadores.

Percebemos que a escola precisa se transformar e se adequar à realidade social do seu entorno, mas ainda assim possui em papel expressivo.

Visto dessa forma o letramento é um processo que se inicia, para alguns, antes mesmo de chegarem à escola; todavia, para a maioria das pessoas, instaura-se e sedimenta-se por meio dessa instituição, prolongando-se vida afora pelas competências que se desenvolverão nos indivíduos na continuidade do exercício das habilidades de ler e escrever diante das exigências que se põem, seja na esfera doméstica, social, pessoal seja do trabalho (FINGERKRATOVIL, 2009, p. 207).

É necessário reconhecer o papel do professor nessa nova conjuntura na qual estamos inseridos. Provavelmente um dos principais riscos é o entendimento de que apenas a introdução de novas tecnologias de informação no ambiente escolar é o suficiente para proporcionar práticas eficientes de letramento. Contra isso sustentamos que dois aspectos devem ser respeitados. Sem estabelecer uma ordem de importância, apontamos inicialmente para a necessidade de domínio por parte do professor das tecnologias utilizadas. Isso não significa que o educador não possa ele mesmo aprender com os estudantes. Muito pelo contrário, pois como já foi dito anteriormente, os jovens contemporâneos tendem a ter uma maior intimidade com as novas tecnologias de informação. O advento das novas tecnologias de informação mostram um princípio fundamental da educação como um todo, o de que os professores não podem ser estigmatizados como os detentores do conhecimento, ao tempo em que os estudantes não sejam vistos como meros receptores de conteúdos. Esse processo é uma oportunidade de superarmos definitivamente

te o modelo de organização escolar pautado na disciplina e passividade dos alunos.

Dessa forma o letramento digital se configura não apenas um dos objetivos da educação contemporânea, mas também um princípio norteador de sua organização, caracterizado por uma interação horizontalizada entre educadores e educandos. O domínio que muitos jovens possuem das novas tecnologias, além da facilidade de acesso às informações a despeito dos professores, elevam os jovens a um patamar que eles não alcançavam em outras épocas. O segundo aspecto a que chamamos atenção é o componente político que deve estar incluído nas práticas de letramento como um todo. Reconhecendo que as competências necessárias são diversas e variam de acordo com as expectativas dos indivíduos, o educador pode promover um letramento político concomitante ao letramento digital.

Em um cenário onde o domínio das tecnologias digitais é tão importante notamos com recorrência que mesmo um indivíduo com excelente domínio da linguagem escrita pode ter dificuldade em operar um computador, por exemplo. Esse é um fato simples, mas não é devidamente notado por todos. Aparelhos como tablets, computadores e smartphones estão tão inseridos no cotidiano da maior parte dos indivíduos que muitas tendem a naturalizar as habilidades necessárias para utilizá-los. Em relação ao uso de computadores o sistema operacional mais utilizado no mundo é o Windows, da Microsoft. A interface “em janelas” desse sistema operacional é tão difundida que hoje a tomamos como natural, quando na verdade essa desenvoltura é fruto de um processo de aprendizagem.

A humanidade sempre sofreu transformações ao longo de sua história, no entanto o desafio que enfrentamos se dá pelo ritmo das mudanças geradas pela revolução informacional. As formas de acesso ao conhecimento mudaram de certa maneira que proporcionaram efeitos graves em uma parcela significativa da população mundial, sobretudo nas camadas mais pobres da população e em países não desenvolvidos. A escola tem a responsabilidade de preparar os indivíduos para atuarem nesse novo tipo de sociedade.

No Brasil, a inserção de aulas de informática e o uso das TIC's — tecnologias de informação e comunicação) — se deu primeiro em escolas da rede privada, já na década de 1990, sendo paulatinamente inserida na rede pública.

Ao longo dos últimos anos, a pesquisa TIC Educação tem indicado que a presença de computadores está praticamente universalizada nas escolas públicas e particulares brasileiras localizadas em áreas urbanas: 99% delas possuíam ao menos um tipo de computador (de mesa, portátil ou tablet) em 2016. Possivelmente, no caso das públicas, isso seja um reflexo das políticas governamentais de provimento de equipamentos TIC para as instituições de ensino. [...]

Apesar desse cenário de universalização da presença de computadores, nem sempre eles estão acessíveis aos alunos. De acordo com os dados da pesquisa TIC Educação 2016, 18% das escolas que possuíam computador não o disponibilizavam para uso dos estudantes em atividades educacionais (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2017).

Apesar do relevante investimento em computadores e equipamentos para o provimento de conexão à internet percebemos que ainda é um desafio a utilização das ferramentas

tecnológicas em sala de aula. A dificuldade não se limita aos equipamentos, cada vez mais devemos atentar para a necessidade de preparar os professores para lidarem com as novas tecnologias. De uma forma geral, essas dificuldades ficam ainda mais agudas no atual contexto sociopolítico nacional, onde os investimentos em educação são sensivelmente reduzidos dentro de um quadro mais amplo de diminuição dos investimentos estatais. As estratégias desenvolvidas em sala de aula são intimamente influenciadas por políticas estatais como a Emenda Constitucional 55/2016, que limita os gastos públicos por um período de vinte anos.

Letramento digital e o fazer política

O letramento digital não é comumente analisado em sua relação direta com a questão da participação política de uma forma mais específica. Minha ideia é de que o desenvolvimento das tecnologias de informação propiciam uma sensível mudança na maneira como a política é feita atualmente. A política estava intimamente ligada às grandes instituições tais como parlamento, a relação entre os “poderes”, o voto e grandes movimentos sociais. A despeito da noção bastante ampla de cidadania, herdamos da Grécia antiga o entendimento de que o cidadão é aquele que participa ativamente da vida social de seu Estado e que se preparava para participar da política em determinados momentos.

A partir de uma série de motivos, mas especialmente em decorrência do desenvolvimento das tecnologias de informação, o fazer política passa a ser intensificado além das instituições anteriormente citadas e cada vez mais o campo

da política é expandido para o cotidiano das pessoas comuns. Um jovem, por exemplo, não precisa mais aguardar a época das eleições para se ver investido de poder. Também não precisa do investimento de tempo e energia na participação de movimentos sociais ou atividades decorrentes de filiação partidária. A atividade política cotidiana passa a ser cada vez mais pautada na atuação nas redes sociais. Os níveis de participação variam bastante entre os diversos segmentos da sociedade brasileira, mas essa parece ser uma tendência na sociedade contemporânea. Não estou incentivando o esvaziamento da participação política do cidadão comum nos instrumentos tradicionais de poder e também não tenho como objetivo aqui avaliar a eficiência das diversas formas de participação política. O fato é que termos como ativismo digital estão cada vez mais comuns, sobretudo entre a parcela mais jovem da população. Tomamos ativismo digital como a mobilização política que se dá por meio das redes sociais.

Nas escolas não é difícil achar exemplos de jovens com atuação política na internet por meio da produção de vídeos, músicas e poesia, entre outros. O letramento digital, assim como as demais modalidades de letramento, pode se constituir em uma modalidade de ação política, mas para que isso seja viabilizado é importante um planejamento por parte do professor e da escola como um todo. O *projeto político pedagógico* da escola deve reconhecer o perfil do corpo discente e também observar os instrumentos disponíveis para viabilizar os processos de ensino e aprendizagem. Além disso deve identificar a nova dinâmica que marca a sociedade de informação, promovendo estratégias que possibilitem uma boa

inserção dos jovens nessa sociedade. A escola deve reconhecer os desafios característicos de seu contexto.

Letramento digital e atuação política são noções cada vez mais difíceis de dissociar. A rede mundial de computadores se transformou em um espaço onde circulam as mais diversas ideias, de todos os pontos do espectro político. Além disso, o ambiente virtual tem se mostrado propício para as discussões e lutas políticas. A Primavera Árabe, uma onda de protestos e manifestações populares ocorrida em alguns países árabes e que tinham como ponto comum a reivindicação por democracia, foi organizada majoritariamente pelas redes sociais, através de serviços como o *Twitter* e *Facebook*. Um aspecto interessante daqueles levantes foi a ampla participação de jovens. Essa tendência de mobilização política juvenil através da utilização de modernas tecnologias de informação está cada vez mais forte. Acredito que a configuração da democracia contemporânea foi profundamente transformada com a popularização da internet.

A recente greve dos caminhoneiros, ocorrida em maio de 2018, é um episódio que ainda carece de análises mais profundas. Inicialmente percebemos uma mobilização protagonizada pelos próprios caminhoneiros autônomos, mas também com fortes indícios de *lockout*. Assim como as manifestações ocorridas no Brasil no ano de 2013, esse movimento foi marcado pela descentralização. Não havia um pólo do qual emanavam as reivindicações, as ações eram marcadas pela fragmentação. A internet, através de aplicativos e serviços como o *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp* foi o instrumento utilizado para organizar as mobilizações e demandas. A descentralização fica evidente ao observarmos a dinâmica de

divulgação das demandas, assim como a negociação com as autoridades do governo federal.

Percebemos que a desenvoltura com as tecnologias de informação se mostra necessária por dois motivos principais. O primeiro consiste no acesso às informações de uma forma geral. Os indivíduos que possuem acesso às ferramentas de comunicação via internet têm possibilidade de entrar em contato com uma infinidade de discursos, análises e conteúdos, instrumentos para atuação política. As chamadas *fake news* se configuram como um novo componente capaz de decidir os resultados de eleições e interferir de forma determinante nos discursos coletivos. Não é à toa que nos dias de greve circularam na internet boatos de que o governo tinha determinado a paralisação do *Whatsapp* com o intuito de dificultar a comunicação dos grevistas. Aqui não coloco em discussão aspectos morais sobre a necessidade ou não de sempre comunicar a verdade quando na utilização das tecnologias de informação, isso ultrapassaria os objetivos deste texto.

Quero apenas chamar atenção aos usos das referidas ferramentas na dinâmica política contemporânea. Também o domínio rigoroso das regras da língua escrita não é importante para a totalidade dos agentes sociais, com exceção daqueles que circulam por círculos sociais mais específicos. Neste ponto o principal aspecto do letramento é “compreender e se fazer compreendido”. Em geral o mais importante é a comunicação, não nas regras gramaticais. Além disso há diferenças importantes entre a comunicação escrita e falada. Não reconhecer essa premissa é negar para muitos a capacidade de fazer política nos tempos atuais. Na época da antiga de-

mocracia grega a prática política era reservada a poucos e ainda muito tempo depois dela, e em diversos lugares distintos, a política era pautada no poder da oratória, mais do que no domínio de complexas regras dos textos escrito. Acredito que temos base para supor que no século XXI a oralidade perdeu um espaço importante na esfera da política, ou pelo menos nas dinâmicas relativas às temáticas não locais.

O domínio da língua não está, necessariamente, associado à compreensão do domínio das regras de uma língua. Se não há consciência quanto ao uso da regra, se não há consciência da importância da regra, não adiantar conhecer ou decorar a regra, pois ela não será suficiente para dar conta de todas as necessidades comunicativas, sociais e linguísticas presentes no cotidiano de qualquer falante (MARZARI, 2014, p. 11).

O segundo motivo se refere ao fato de que o próprio indivíduo pode utilizar essas ferramentas como instrumentos políticos. Chegamos ao ponto em que possuir um domínio intermediário das tecnologias de informação é condição essencial para ter acesso a conteúdos centrais para participação política. Em um mundo altamente globalizado as distâncias físicas são em certa medida superadas pela facilidade de comunicação.

Letramento digital e prática cidadã

Não devemos confundir a ampliação do acesso às tecnologias digitais com a redução do papel social da escola. A escola possui uma grande responsabilidade, principalmente em momentos de profundas mudanças. As redes sociais e a mídia como um todo são permeadas de ideologias e se estru-

turam a partir de relações de poder. Os indivíduos devem estar aptos a interpretar as informações disseminadas nesses meios de comunicação. Além disso, agir de maneira ativa nas mídias digitais não se limita ao ato de receber de maneira inteligível um amontoado de informações, mas também se comunicar e transmitir suas próprias ideias. A democracia se caracteriza basicamente como um regime político no qual os indivíduos procuram obter maioria através do poder de persuasão, então é imprescindível a boa utilização das novas tecnologias de informação para uma organização política e social eficiente nessa espécie de democracia digital.

Nesse sentido a escola pode organizar suas atividades através de eventos de letramento (BARTON; HAMILTON, 2000), tendo como pano de fundo conteúdos que muitas vezes já são consumidos pelos jovens. Dessa forma é possível propiciar o letramento através da abordagem de temas relevantes e que estão presentes no contexto dos estudantes. Isso sugere a possibilidade de desenvolver habilidades de escrita, fala e manuseio de equipamentos eletrônicos ao mesmo tempo em que o estudante é instigado cada vez mais ao estudo, pois percebe a relevância dos temas e atividades em sua própria vida.

Percebo uma grande resistência nesse sentido, mas acredito que mesmo a TV pode ser utilizada como estratégia eficiente para o letramento. Têm força as teorias que defendem que há uma grande passividade do telespectador em relação ao que é veiculado na TV, mas existem estudos que apontam que a relação telespectador/TV é na verdade proto-interativa.

Nos estudos antropológicos sobre o papel da TV na vida das classes populares a noção de *protointeratividade* ocupa um papel central. Em “O Brasil antenado” (HAMBURGUER, 2005) a autora sustenta a tese de que o telespectador não é totalmente passivo ao consumir telenovelas. Haveria uma seleção e interpretação dos conteúdos veiculados. Além do mais o próprio telespectador influenciaria no desenvolvimento das histórias. A autora salienta que a produção de novelas, por exemplo, faz uso constante de pesquisas de opinião numa tentativa de captar a recepção das histórias por parte dos telespectadores. Essa perspectiva encontrada em alguns trabalhos antropológicos se notabiliza por se contrapor aos diagnósticos de algumas correntes teóricas que não tendem a perceber no próprio indivíduo um foco de resistência. Existiriam formas residuais que não se encaixam em um sistema dominante. Dessa forma os eventos de letramento que acontecem na escola podem ser bastante produtivos se houver criatividade por parte do professor, utilizando ferramentas não convencionais, como trechos de novelas ou comerciais de TV, por exemplo. Os próprios conteúdos consumidos pelo estudante podem ser utilizados em seu letramento.

É necessário pontuar que a autora Esther Hamburger não coloca a relação entre telespectador e TV como sendo marcada por uma igualdade. Há sim uma relação de poder no sentido de que grandes meios de comunicação possuem a faculdade de criar tendências e fortalecer ideologias, tal como foi genialmente demonstrado por importantes autores da Escola de Frankfurt, como Marcuse, por exemplo. O que está sendo colocado é que não deve ser ignorado o poder de in-

terpretação e de seleção por parte de quem recebe conteúdo de grandes meios de comunicação como TV, rádio e internet. Exercícios de reflexão podem ser operacionalizados através dos eventos de letramento. Almeida (2013) também compartilha desse aspecto ativo dos espectadores nos meios de comunicação em massa.

Além do prazer em ver e rever certos pares de personagens, atores, e estruturas narrativas, é preciso lembrar que as audiências assistem e podem também demonstrar certo viés crítico. Quando comecei a pesquisa, notei três aspectos dessa crítica. A primeira era uma crítica de ordem política, que advinha com mais frequência de pessoas composições políticas de esquerda ou com maior capital cultural: a noção de que a TV, ou a Globo, tenta “fazer a cabeça” de seus espectadores (ALMEIDA, 2013, p. 166).

Os eventos de letramento surgem como excelente oportunidade para desenvolver o domínio técnico das novas tecnologias de informação, mas também de problematizar a realidade social dos envolvidos nos eventos. Em uma época onde há um volume exorbitante de informações de fácil acesso, o desafio é desenvolver a capacidade de selecionar, refletir e se situar a partir delas. A sociedade atual está envolvida no desafio de lidar com as chamadas *fake news* e também com notícias incompletas ou mesmo distorcidas, que são veiculadas diariamente nas redes sociais.

Hoje a inclusão social, uma grande responsabilidade da escola, não pode ser dissociada da inclusão digital. As transformações pelas quais os meios de comunicação estão passando nos últimos tempos exigem uma atenção especial no preparo do indivíduo contemporâneo em lidar com um volu-

me não apenas grande de informações, mas também fragmentado. A comunicação de massa não é mais um discurso único transmitido para uma quantidade muito grande de pessoas, quase vista como uma massa homogênea, agora se configura como uma gama impressionantemente variada de discursos que são recebidas por um público igualmente variado. Essa é uma das novidades oriundas do desenvolvimento e popularização da internet.

A internet tem tido um índice de penetração mais veloz que qualquer outro meio de comunicação na história: Nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou em quinze anos; a internet o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial. O resto do mundo está atrasado com relação à América do Norte e os países desenvolvidos, mas o acesso à internet e seu uso os estavam alcançando rapidamente nos principais centros metropolitanos de todos os continentes. Contudo não deixa de ser importante quem teve acesso primeiro, e a quê, porque, ao contrário da televisão, os consumidores da internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia. Assim, o momento de chegada tão desigual das sociedades à constelação da internet terá consequências duradouras no futuro padrão da comunicação e da cultura mundiais (CASTELLS, 2016, p. 437).

Como vimos, o posicionamento no mundo digital se traduz em relações de poder, considerando aqui o caráter fragmentado do poder, tal como desenvolvido por Michel Foucault. Uma inclusão digital deficiente tem o efeito perverso não apenas no ambiente digital, mas também — e principalmente — fora dele, uma vez que impacta na própria inserção do indivíduo na sociedade como um todo. A inclusão

digital resulta em uma interação otimizada nas esferas política, familiar profissional, de lazer e etc. Uma inclusão social plena e efetiva só se dá a partir do bom domínio das diversas manifestações da linguagem, o letramento digital deve ser tomado justamente nessa perspectiva.

Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento. A noção de que a aquisição de um letramento único e autônomo terá consequências pré-definidas para os indivíduos e as sociedades provou ser contrária (STREET, 2007, p. 466).

Assim como as demais formas de letramento, o letramento digital deve trazer o indivíduo como ponto de partida. Letramento e identidade são duas noções indissociáveis.

O processo de apropriação de uma tecnologia ou de algum outro recurso midiático — o acesso — depende das estratégias forjadas pelos próprios sujeitos para fazer uso do material. A disponibilidade diz respeito apenas às condições materiais existentes; sem uma construção individual, o recurso disponível é inutilizável. Há muitas instituições que têm recursos disponíveis, aos quais, no entanto, poucos têm acesso.

Essas estratégias são essencialmente individuais. Seja para o trabalho, ou para o lazer, ou para registro de experiências, ou para o estudo, ou para a expressão artística; seja para recepção e consumo, ou para criação ou distribuição, o usuário constrói, por si próprio, um trajeto individual, único, em busca da informação (KLEIMAN, 2014, p. 76).

Considerações finais

O letramento digital é apenas um entre uma infinidade de tipos possíveis. Certamente o próprio termo letramento digital poderia ser utilizado no plural, denotando seu caráter complexo, identitário, subjetivo e individualizado.

Para uma sociedade realmente democrática é fundamental incentivarmos o domínio de habilidades e competências referentes às novas tecnologias de informação. O que está claro é que disponibilizar para a população um amplo acesso aos recursos tecnológicos é importante, mas não o suficiente. É necessário oferecer condições efetivas para que a população tenha oportunidades reais de explorar todos esses recursos.

Sabemos que o letramento não se dá apenas no ambiente escolar, mas essa instituição tem uma posição estratégica, pois além de condensar investimentos para a aprendizagem em geral, dispõe de pessoal que possui essa incumbência específica. São profissionais, e a aceção desse termo diz respeito a indivíduos preparados para conseguir resultados. Sintetizando, vimos que a efetividade da escola em promover o letramento digital se ancora em alguns pilares que consistem no domínio das novas tecnologias de informação por parte dos educadores, na disponibilidade de recursos e em um projeto político que tenha o aluno como agente motivador. A importância do papel da escola para a promoção do letramento digital é evidente ao reconhecermos seu papel político. A escola não possui e nunca possuiu um caráter político neutro.

Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Identificações afetivas: telenovelas e as interpretações das audiências. *Runa XXXIV* (2), p 163-176, 2013.

BARTON, David & HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. IN: BARTON, David; HAMILTON, Mary & iVANIC, Roz (Org.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000 2000. p. 16-33.

BARTON, David & HAMILTON, Mary. Práticas de letramento. IN: BARTON, David; Hamilton, Mary & IVANIC, Roz (Org.). *Situated literacy*. London: Routledge, 2000, p. 7-15. Tradução livre: Glícia Azevedo Tinoco.

BUZATO, M. E. K. Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades. In: *Congresso Ibero-Americano Educarede*, 3., São Paulo, 2006. Anais. São Paulo: CENPEC, 2006.

CASTELLS, MANUEL. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. — 17. edição, — São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FINGER-KRATOCHVIL, CLAUDIA. Letramento e tecnologia: o aprendiz estratégico e crítico na era da informação. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM.,(Org.). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

JORDÃO, Teresa Cristina. A formação do professor para a educação em um mundo digital. In. *TV Escola/Salto para o futuro; Tecnologias digitais na educação*. Ano XIX boletim 19 - Novembro-Dezembro/2009.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil antenado: A sociedade da novela*. — Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005..

KLEIMAN, Angela B. *Letramento na contemporaneidade / Literacy in the Contemporary Scene*. Bakhtiniana, São Paulo, 2014.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995. p. 15-61.

MARZARI, Gabriela Quatrin. Repensando a sala de aula a partir do letramento digital. In. *Entretextos*, Londrina, v.14, n.2, p. 7-25, jul./dez.2014.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras [livro eletrônico]: TIC educação 2016. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. — São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. In: *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 8, p. 465-488, 2006.

[Recebido: 31 out. 2017 — Aceito: 4 dez. 2018]